



Por  **Iberdrola** Soluções de energia verde Saiba Mais

Exclusivo

A REVISTA DO EXPRESSO



Entrevista a Kukas, a designer de joias, seis décadas após a primeira exposição: “Tenho um desgosto enorme de não ser eterna”



Seis décadas após a primeira exposição individual, Kukas fala sobre a sua vida, conquistas, lutos e processos e capacidades criativas que não se esgotam com a idade. A artista do design e da joalheria confessa que gostaria de morrer a criar e de fazer uma exposição em Serralves



Catarina Nunes
Jornalista



Tiago Miranda
Fotojornalista

Aos 95 anos, Kukas está de volta à ribalta. Onze anos depois da última exposição individual, em 2012, no MUDE (“Kukas – Uma Nuvem que Desaba em Chuva”), reaparece em 2023 com uma mostra no Museu Nacional de Arte Contemporânea e artigos de fundo na imprensa internacional, no “Financial Times” e na “Vanity Fair”, que destacam a personalidade e o percurso desta artista singular na área do design e da joalheria. É uma figura mítica em Portugal e lá fora, desde os anos 1960, devido às criações de joias geométricas em grande escala, que rompem com o conceito de joalheria da altura. Kukas (Maria da Conceição de Moura Borges), porém, sente que lhe falta fazer tudo o que gostaria e em 2024 está a programar a participação no Salão do Móvel, em Milão, e na Art Basel, em Basileia. Os novos projetos são impulsionados por Filipa Fortunato, arquiteta e proprietária do hotel Casa Fortunato, em Alcácer do Sal – de quem Kukas é madrinha de casamento e amiga da avó –, que surge como mecenas há cinco anos, quando a artista atravessa dificuldades. Apesar de nunca ter parado de criar (no seu apartamento, junto à Costa do Castelo, em Lisboa), Kukas fica sem meios financeiros para desenvolver o seu trabalho de forma sustentada, devido ao prejuízo com uma inundação, em 2002, na loja que tinha na rua de São Bento desde 1998, sete anos depois do encerramento do seu primeiro espaço, na Praça das Flores. Com o apoio de Filipa Fortunato, em 2018, começa por criar cerca de 20 objetos, entre jarras, manteigueiras, travessas e pratos, para servirem na Casa Fortunato, em Lisboa, que funcionava também como um ponto de venda. O projeto Kukas by Casa Fortunato, entretanto, é deslocado para um estúdio com loja própria, na rua da Escola Politécnica.

Sente que está a ter uma segunda vida?

Só porque apareceu uma mecenas. Se a Filipa não tivesse aparecido, neste momento eu... (pausa) percebe? Isto agora é absolutamente uma segunda vida que devo à Filipa. Mesmo as exposições e os artigos no “Financial Times” e na “Vanity Fair” foi ela que organizou. É uma reencarnação não programada. O programado sai sempre ao contrário. Desde os ponteiros do relógio – que são a coisa mais redutora do mundo – a tudo o resto, não gosto de uma vida programada, sou antirregas. Deixo fluir, estou solta e deixo entrar a energia que vem de fora, do Tejo ou do que for. Isto para mim é fundamental.

Passou a ter mais energia para trabalhar desde que tem a Filipa como mecenas?

Porque tive uma motivação, mas antes até tinha mais energia do que tenho hoje, que já estou mais velha e desgastada fisicamente. Psicologicamente foi um enorme estímulo.

Como é que, com 95 anos, mantém a criatividade e a disciplina de trabalho para concretizar tantos projetos?

A minha disciplina é não ter disciplina. Não posso ter horas certas, tudo isso para mim é um desgaste enorme. Não tenho uma rotina de trabalho, de todo, sou antirrotina. Gosto que a vida vá fluindo naturalmente, sem constrangimentos. Uma hora certa é um constrangimento. Está claro que por vezes tenho de ter horas certas, mas é um esforço enorme que é contra a minha maneira de ser. Fui sempre assim, nunca usei relógio. A minha noção do tempo é deixar fluir.

Na última exposição, no Museu Nacional de Arte Contemporânea, fez 30 e tal peças e teve de produzir com um prazo.

A Filipa tratou de tudo. Faço as peças nas calmas, sem horas certas nem método. Sou antimétodo. Não tenho dias para nada. Trabalho como vai acontecendo. Desde que me levanto até que me deito tenho imagens na cabeça que vou concretizando, mas não tenho ninguém a obrigar-me a nada, sou dona de mim mesma.

Que imagens são essas que tem na cabeça?

São um somatório de todo o conteúdo visual que vi ao longo da vida e de repente, às vezes, surgem imagens da pintura, da arquitetura, da escultura, enfim, de tudo o que vi com tantos anos — com esta longevidade, já vi muita coisa. Mas há duas grandes referências, a pintura e a arquitetura.

Como é que passa dessas imagens mentais para a materialização das joias?

Tudo serve. Uma rolha, uma tampa, uma embalagem ou o fundo de uma garrafa, pode ser tudo. Tenho o culto de não deitar nada fora sem antes olhar para a forma. É uma coisa mentale, vejo a imagem surgir na estética do detrito e a partir daí faço umas maquetes muito primárias, que depois passo ao ourives, que trabalha para mim há 20 e tal anos e que entende o meu gestual, nem precisamos de falar.

A sua criatividade mantém-se intacta. De que formas a idade lhe pesa?

A criatividade nunca morre, morre connosco. Não é uma coisa que se ordene, é uma coisa que nos habita.

A idade não diminui nem afeta a criatividade?

Por enquanto ainda não afetou. No dia em que a afetar, é hora de entrar em eutanásia, esta é a verdade. Como não sou católica, sou 100% pela eutanásia. As minhas sobrinhas já sabem. Vou ficar cá pateta e vegetativa? Não há direito, não mereço isso.

“Estou dois, três meses sem sair de casa, mas nunca me aborreço. Acordo, tomo o meu café e a partir daí vou fazendo o que me apetece”

Entre fazer joias e estar pateta há um meio termo, pode estar bem sem ter ideias.

São as ideias que me sustentam. No dia em que não tiver ideias, não estou cá a fazer nada — quer dizer, os afetos são outra coisa. Isto tem um fim e vou contrariadíssima. Sou contra epitáfios e tudo o que é necrofilia, mas se tivesse um epitáfio — já tenho pensado — punha assim “aqui jaz, contrariadíssima, quem nunca se aborreceu”.

Tem medo de morrer?

Não é medo, tenho um desgosto enorme de não ser eterna, isso é que eu gostava. Mas é como o Vinicius diz sobre o amor, que seja eterno enquanto dure.

Há algum segredo para a longevidade, principalmente para a longevidade ativa?

Acho que é o gosto pela vida e é também o legado dos afetos. Tenho sido uma privilegiada dos afetos da família e dos amigos, e isso sustenta-me.

Aparenta estar ótima de saúde. Ou tem algum problema?

Já tive muitos problemas de saúde e não tenho nada a sensação de estar ótima, sobretudo desde que tive uma porcaria, fui-me abaixo. Digo que estou viva porque não tomo remédios e quando vou ao médico ele diz-

me “porque é que vem cá? Não faz nada do que lhe digo”. Ele tem razão, mas não acredito nas drogas. A única droga de que sou dependente é a cafeína, sem ela fico balhelhas, fui assim toda a vida. É só a mola de arranque, o café com leite matinal é imprescindível, se não tomar fico com o corpo sem alma. Nunca na vida me droguei, felizmente — também era o que faltava —, mas compreendo os drogados.

Como é que supera as maleitas que vai tendo?

É a força anímica que me faz dar a volta por cima. Já tive cada uma que nem queira saber, mas sobre isso não vou falar. Já disse às minhas sobrinhas que no dia em que eu ‘esticar’, não quero que digam a ninguém. Levam o material para onde tiver de ir e depois, pronto, o fuminho. Não quero nada, nem que digam a ninguém. Só dizem depois de terem despachado o material.

Recuando até ao início da sua carreira, em que foi pioneira numa nova linguagem da joalheria. Foi natural ou procurou-a como disrupção com o que se fazia na época?

Fui sempre contra a joia ostensiva, do novo-riquismo que isso representava, contra a ideia de que quanto mais brilhantes tivesse, melhor. Reagi contra isto e na altura, em Portugal, design era uma palavra que ninguém usava. Quem falou pela primeira vez em design em Portugal, que eu saiba, foi o Daciano da Costa, mas em Paris, onde estive três anos, design já era uma palavra comum.

Não foi para Paris estudar design de joias, mas design de interiores e educação pela arte, no Louvre, onde fica amiga de Marc Chagall.

Amiga não posso dizer, conhecida. Quer dizer, ele depois ofereceu-me um livro autografado. Isso aconteceu porque quando cheguei a Paris, a primeira coisa que pensei foi fazer educação pela arte, que acabei por não seguir. Pôr as crianças e desenhar como a Madalena Cabral, de quem fui muito amiga, fazia no Museu de Arte Antiga. O Chagall posou como modelo para as crianças da escola de educação pela arte do Louvre, quando eu estava lá.



É na cerâmica que começa. Como é que passa para as joias, nos anos 1960?

Fiz um anel que lembra este (aponta para o dedo com um anel com um cristal em pirâmide) para a Maria Helena Vieira da Silva... (pausa) Não, o meu primeiro anel foi este (aponta para outro anel que tem em outro dedo), que fiz para os anos de uma das minhas três tias que me criaram, a mim e ao meu irmão. Este anel tem mais de 60 anos, foi o início. Não se pode dizer que seja um design abstrato, mas é totalmente diferente do que fiz depois, evolui para a geometria, para a depuração da peça. O excesso de decoração, para mim, é obsceno esteticamente. Quanto mais linear e grande, melhor, miniaturas é que não. Não há nada mais possidónio do que miniaturas, é uma mania minha (risos).

É qualquer pessoa que tem estilo para o tamanho e forma das suas joias?

É mais uma questão de atitude. Há uma mediação entre a joia e a pessoa, isso é claro, já os egípcios acreditavam nisso. Ancestralmente, é parte integrante do adorno. Isto acontece com tudo o que nos rodeia, não é por acaso que escolhemos umas coisas e não outras. É como os objetos para a casa, que comecei a fazer quase em simultâneo com as joias, e que representam a parte funcional ligada à estética.

Acabou por pôr em prática também o curso de Design de Interiores que fez em Paris.

Fiz várias decorações, mas isso não interessa. Fiz o teto da boate do Hotel Alvor, no Algarve, todo em vidro como se fossem estalactites e estalagmites numa gruta. Acho que destruíram isso tudo. Fiz tanta coisa. Na casa dos avós da Filipa fiz uma lareira em cobre, aliás fiz várias lareiras, não foi só essa. Quem fez o projeto da casa foi o António Portas e o Teotónio Pereira, que me convidaram para fazer a decoração. Mas isso não me satisfaz da mesma maneira, o que eu gosto é desta arte em trânsito da joia. A decoração não é uma obra de arte, é uma coisa secundária, um misto de coisas e objetos que se escolhem. Para mim não é uma realização ser decorador. É o meu ponto de vista, outros podem contestar. Nas joias é entre mim e quem as usa, há a tal mediação.

O anel que tem no dedo é uma pirâmide. Nas peças mais recentes está mais virada para as formas triangulares. Têm algum significado para si?

Estou virada para a geometria pura. As formas geométricas satisfazem-me inteiramente, é à volta do que eu ando sempre. Há um poema do Nuno Júdice, 'Geometria Fixa', que me deixa com a lágrima no olho, que é justamente sobre o círculo que procura o triângulo, o triângulo que não sei o quê, um poema giríssimo.

Antes da fase geométrica teve outra fase?

Barroca nunca tive, sou antibarroquismo. O barroco é um excesso e eu sou contra o excesso. É como o excesso de linguagem rebuscada, sou contra. É o que eu sinto, gosto do depurado. Quando consigo esse equilíbrio geométrico, de depuração da forma, é o que me satisfaz. Quanto mais chegar à abstração e comunicar uma forma, melhor. É uma questão de rigor. Gosto da linearidade, no fundo é o triunfo da linearidade.

“Quando cair para o lado — vou contrariadíssima, mas tem de ser — gostava que fosse assim. É uma morte gloriosa, morrer a criar, em vez de morrer pateta”

Estava habituada a trabalhar sozinha. Como é trabalhar com a

Filipa?

Há um entendimento sem stresse, não tenho tensão e isso facilita-me. Suponha que eu estava a fazer as coisas para uma pessoa tensa. Ela tem uma energia positiva que flui. Dizemos o que temos a dizer, mas nem a Filipa me força nem eu a forço a ela, independentemente da amizade. Já estou muito velha para viver em stresse. Nunca gostei de stresse, nem quero. Quero é estar de bem com os outros e com a vida. Almada Negreiros, o mestre Almada que acho que era um génio, dizia: “Entre mim e a vida não há mal entendidos.” Esta frase é o meu credo. A vida tem de fluir e quero é saúde mental.

Tem arrependimentos?

Tenho muito poucos arrependimentos hoje em dia. Tenho uma coisa muito instintiva — é uma mania como outra qualquer — de achar que sinto a energia positiva e negativa. É uma coisa que hoje em dia, então, sinto extraordinariamente. Estas coisas são inatas, em criança já tinha isto, na medida em que tive sempre aquela coisa ‘este não, aquele não’. É como um arrepio, é difícil definir. Não é um dom, é uma sensibilidade. Por exemplo, encontrei o arquiteto Souto Moura uma vez e acho que ele tem uma energia positiva e gosto das obras dele. Há uns anos estava na Bertrand do Chiado a pedir um livro do Souto Moura e trazem-me um calhamaço enorme, que acabei por não trazer porque não aguentava com o peso. De repente, quando olho, estava o Souto Moura ao meu lado. Ia-me dando uma coisa. É a pura verdade e ele não desmente.

Costuma sair de casa? Como é o seu dia a dia?

Saio muito pouco. Estou dois, três meses sem sair de casa, mas nunca me aborreço. Acordo, tomo o meu café e a partir daí vou fazendo o que me apetece. Não tenho horas para acordar, depende da hora a que me deito, antes da meia-noite é raro deitar-me, sou noctívaga. Apanho sol na varanda, leio a “Veja” e o Expresso, vejo livros de arte. A partir das 18h posso sair, mas saio pouquíssimo. Preciso de uma canadiana, mas ando. Estou bem em casa, já moro aqui há 60 anos, não preciso muito dos agentes exteriores.

E na televisão, o que é que vê?

Há agora um rapazinho novo, o Sebastião Bugalho, inteligentíssimo, fiquei deslumbrada mal o ouvi a raciocinar, adorava conhecê-lo. A SIC apanhou-o e ainda bem. Há outro comentador que admiro, o Marques

Mendes, que tem um pensamento isento.

Interessa-se por política ou é filiada em algum partido?

Era incapaz de ser partidária, não pertenço a partido nenhum, nem quero. É impensável eu pertencer a um partido.



Faz tudo em casa e cuida de si ou tem quem trate disso?

Por enquanto tenho uma empregada que vem cá à segunda e à sexta, há sete ou oito anos, mas não tenho cá ninguém de noite. Ainda estou autónoma. Ela vai às compras ao supermercado, as minhas sobrinhas, que adoro e são como minhas filhas, passam por cá. A mãe da Filipa, que conheço desde miúda e agora tem 70 anos, às vezes vem-me buscar e tenho a Filipa e outras amigas.

Fala-se muito da solidão na terceira idade. Sente-se sozinha?

De todo, nunca me aborreço nem sei o que é aborrecimento, propriamente. Desgostos sei o que são, já tive muitos. Gosto imenso de conviver e tenho imensos amigos que me telefonam com frequência. Se estiver bem de saúde e souber que todos à minha volta estão bem, eu estou bem.

Gosta de animais, mas não tem nenhum em casa.

Um gato faz-me a maior falta, mas marido não me faz falta nenhuma (risos). Entretenho-me muito com as plantas. Tenho um espargo há 60 anos, que plantei quando vim morar aqui, e tem sobrevivido. É um amigo vegetal. Adoro tudo o que seja plantas e bicharada, também nasci numa quinta em Penamacor, perto da Serra da Estrela. A bicharada é para a gente amar, fazer festinhas e companhia.

Que memórias tem da sua infância e adolescência?

Memórias normais, com as minhas três tias solteiras, irmãs do meu pai, que foram três mães, mulheres muito inteligentes que tive a sorte de ter. A minha mãe morreu com 28 anos, tinha eu uns quatro ou cinco anos, já não me lembro bem. Às vezes os lutos são esquisitos e a pessoa procura fugir das datas. O meu pai morreu pouco depois da minha mãe. Já passei muito, mas também tive muita coisa boa. Temos de dar a volta por cima às nossas deficiências e viver com elas, andar para a frente, tem de ser. Se não, as pessoas ficam ao lado da vida, não estou para isso, a vida é curta. Fica sempre uma mágoa, mas é uma mágoa abstrata, uma coisa que não dói no quotidiano. Faz-se o luto, a vida é feita de lutos também, lutos interiores.

Qual é a origem do diminutivo Kukas?

Tinha 10 ou 12 anos e um cãozinho Serra da Estrela, lá na quinta onde nasci, partiu uma patinha quando uma porca saída do curral se atirou a ele. Peguei-lhe ao colo, dei-lhe muitos beijinhos, e disse “coitadinho

deste kukas”. Foi uma expressão minha que ficou. Antes disto, as minhas tias chamavam-me Maria e há montes de gente que não sabe sequer o meu nome. Maria da Conceição, aliás, não é um nome que ache bonito, os nomes e palavras em ‘ão’ são todos feios.

Teve um percurso invulgar para a maioria das mulheres da sua geração, em que o normal era casar e ter filhos. Entende-o como um percurso feminista?

É verdade. Filhos não sei se gostaria de ter tido, mas não me fazem falta. Gosto dos meus sobrinhos como se fossem meus filhos. Não gosto nada da palavra feminista, porque nunca fui de grupos só de mulheres. Sou mais individualista que outra coisa qualquer. Não sou filiável, nunca pertenci a nada, nem a uma associação, fosse do que fosse. Tenho a causa da justiça, isso tenho.

“Filhos não sei se gostaria de ter tido, mas não me fazem falta. Gosto dos meus sobrinhos como se fossem meus filhos. Não gosto da palavra feminista, porque nunca fui de grupos só de mulheres”

Quando e como é que percebeu que era uma artista e que essa ia ser a sua vida?

Acho que nem percebi muito bem. Comecei a fazer coisas e as pessoas que me rodeavam incentivaram-me. Ao princípio, as minhas tias contrariaram, mas depois financiaram a estada em Paris. Acharam, inicialmente, que o melhor caminho era casar e ter filhos, mas eram suficientemente evoluídas mentalmente para entenderem e colaborar.

O processo criativo das suas peças diverte-a ou traz algum sofrimento?

Está claro que é uma realização, não é sofrimento nenhum. Isso do sofrimento criativo é uma metafísica barata, não acredito nisso. Quando estou à volta de uma pedra — tenho um manancial de uma gaveta cheia de pedras que não vou ter tempo para utilizar todas, mas isso é outra conversa — ou um búzio, qualquer elemento decorativo, dou umas voltas, manipulo e surge a forma, várias imagens. Por exemplo, quando cheguei à Casa da Cascata, do Frank Lloyd Wright nos Estados Unidos — estive lá a fazer um estágio de ourivesaria — tive um ataque de choro de

emoção estética. Ia com umas americanas e comecei logo a desenhar com uma caneta uma pulseira, que estava a imaginar na parte superior do braço de uma delas. É uma plenitude saber que se pode realizar uma coisa que se pensa, vê-la objetivamente e depois vê-la em quem a usa, como arte em trânsito.

Trabalha com pedras preciosas?

A maioria são não preciosas, não tenho dinheiro para investir em pedras preciosas. Não dá para a minha mecenas investir em brilhantes, mas também não é o brilhante nem o valor da pedra aplicada que me interessa. O que me interessa é a beleza da pedra e até pode ser uma pedra modesta, no sentido do valor material, mas ter um valor estético que eu goste. Turmalinas, por exemplo, são pedras bicolores de que gosto imenso, passam dos verdes aos vermelhos. Não é preciso ser o brilhantaço e os diamantes, mas se houver, tudo bem.

Algumas das suas peças começam pela pedra?

Eventualmente. Já têm partido da forma e da cor da pedra, vou brincando com ela. É um mecanismo um bocado difícil de explicar. Parte do desenho para a pedra. Como desenho mal, faço uma maquete com o que tiver à mão, uma rolha, uma embalagem, a tal estética do detrito. Depois vou cortando ou dobrando. Às vezes tenho de usar folhas de metal maleável, que compro, mas não desperdiço nada, vale tudo.

Pensa em como será a última joia que vai criar?

Sei lá. Eu própria não vou saber quando vai ser a última. Se pensasse nisso não tinha fim, fazia este mundo e o outro.

O que é que lhe falta fazer?

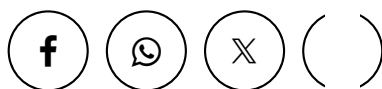
Tudo. Quando estou a fazer uma coisa, a sensação que tenho é que me falta fazer tudo o que gostaria de fazer. O Picasso levantou-se de manhã, começou a desenhar e caiu para o lado. Quando cair para o lado — vou contrariadíssima, mas tem de ser — gostava que fosse assim. É uma morte gloriosa, morrer a criar, em vez de morrer pateta. Há uma frase que diz “ó minha vida aquém da minha morte, tomara eu dar a esta o que lhe falta e à outra o que lhe sobra”, julgo que é de Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, mas não tenho a certeza.

O legado que vai deixar é importante para si?

Faço lá ideia, aprés mois, le déluge, como dizem os franceses. Os que cá ficam, que se governem. O que quero deixar é a saudade da minha família e dos meus amigos que vão sentir a minha falta, o legado dos afetos. Isto sei que deixo, porque também tenho sido muito gratificada pelos afetos ao longo da vida, o que, instintivamente, cria reciprocidade.

Está a preparar a participação no Salão do Móvel, em Milão, e na Art Basel, em Basileia, em 2024.

São projetos da Filipa, ainda não falámos bem sobre isso. Aquilo que gostaria imenso de fazer agora era uma exposição em Serralves, com algumas coisas que já tenho e outras novas. Adoro Serralves, a primeira vez que fui a Serralves lavei-me em lágrimas, há ali uma emanação. É dos sítios que conheço em Portugal onde sinto não só a harmonia arquitetónica do Siza (Vieira)... É difícil explicar. A energia positiva de um lugar é uma coisa quase metafísica. É porque sinto.



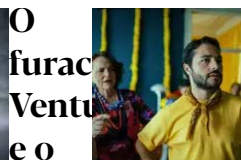
Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:

CNunes@expresso.impresa.pt

PUBLICIDADE



ÚLTIMAS NOTÍCIAS



a
'bola
de
cristal'
para
a
Bitcoin?

desaparecimento
dos
comunistas
no
Alentejo

Disseram-lhe que
tinha de "matar o
meu apresentador
para ser ator" e
agora Rui Maria
Pêgo tem um dos
papéis principais
na nova série da
RTP

Se tiver a bola, o
guarda-redes
Rui Silva não
liga ao
burburinho no
estádio: "Não é
a jogar à
maluca que as
coisas vão
resultar"

Atualização Importante

Quando inicia a sessão com Disqus, nós processamos os dados pessoais para facilitar a sua autenticação e a publicação de comentários. Nós também guardamos os comentários que publica e esses comentários ficam imediatamente visíveis e pesquisáveis por qualquer pessoa em todo o mundo.

- Eu concordo com os **Termos do Serviço** do Disqus
- Eu concordo com o processamento do "e-mail", do endereço de IP, e a utilização de "cookies" pela Disqus, para facilitar a minha autenticação e publicação dos comentários, explicado mais detalhadamente na **Política de Privacidade**
- Eu concordo com o processamento da minha informação, incluindo os "cookies" principais e de terceiros, para o conteúdo personalizado e publicidade, conforme descrito na **Política de Partilha de Dados**

Prosseguir

+ Semanário

MÚSICA

Entrevista a Kim Gordon, ex-Sonic Youth: “1970 foi o ano em que acabei o liceu, o princípio da exploração em massa dos jovens como mercado”

Rui Miguel Abreu



BLITZ

Sara Correia, uma fadista a caminho de quatro coliseus: estas são as casas de fado onde aprendeu a cantar

Lia Pereira e Rita Carmo



FISGA

O aluno de Gauguin e uma história que começa no Porto

João Pacheco



A REVISTA DO EXPRESSO

Domingos Sequeira: retrato do pintor de quem se fala

Lourenço Pereira Coutinho



+ Vistas

1 Um grande vencedor, oito vitórias e sete derrotas - Quem ganhou e quem perdeu na emocionante noite das eleições

2 **RESULTADOS LEGISLATIVAS 2024**
AD ganha, mas com berbicacho, PS e esquerda ficam na "oposição"

3 **LEGISLATIVAS 2024**
Os resultados finais, distrito a distrito: AD venceu no Porto por 1000 votos, PS em Lisboa por 9000, Chega foi 1.º em Faro

4 **LEGISLATIVAS 2024**
Ricardo Costa: "André Ventura vai fazer tudo para entrar num Governo ou condicioná-lo e tem todo o direito em fazê-lo"

5 **BLITZ**
Iolanda é a grande vencedora do Festival da Canção 2024: veja a atuação

[SUBSCREVER](#) [EXCLUSIVOS](#) [NEWSLETTERS](#) [SEMANÁRIO](#)

[Estatuto editorial](#) [Código de Conduta](#) [Ficha Técnica do Expresso](#) [Política de cookies](#) [Política de privacidade](#)
[Termos de utilização](#) [Contactos](#) [Publicidade](#) [Ficha técnica da Blitz](#) [Estatuto editorial Blitz](#) [Configurações de privacidade](#)

SIGA-NOS





SITES DO GRUPO IMPRESA

SIC

Opto SIC

SIC Internacional

SIC Notícias

SIC Radical

SIC Mulher

SIC K

SIC Caras

SIC Esperança

Fama Show

Expresso

Blitz

Boa Cama Boa Mesa

Tribuna

Volante SIC

GMTS

InfoPortugal

SIC International Distribution

